
PERFORMANCE DO CAZUMBÁ: DO RITUAL AO JOGO

Juliana Bittencourt Manhães

Orientador: Prof. Dr. Zeca Ligiéro

O Maranhão é berço de muitas manifestações populares, uma das mais importantes e difundidas em todo o estado, é o bumba-meu-boi. É uma festa ao mesmo tempo profana e religiosa, se misturando a alegria de danças, batuques, encenações e cantorias junto ao culto a alguns santos católicos, firmando um calendário festivo, mobilizando milhares de pessoas ao longo do ano.

Este universo do boi no Maranhão é complexo por possuir variados estilos de ritmos, chamados sotaques. O sotaque da baixada maranhense, região a oeste e sudeste da ilha de São Luís, formada por campos baixos que alagam na estação das chuvas, envolve cerca de 15 municípios do estado. Cada sotaque particulariza memórias das regiões do estado, representando uma forma singular de brincar, com características próprias nas suas indumentárias, instrumentos, personagens, músicas e maneiras de evoluir na roda da brincadeira. É a região que tem como berço o estilo de boi com um ritmo mais lento, é o único sotaque com a presença do performer brincante mascarado cazumbá.

O cazumbá é um performer brincante do boi da baixada do Maranhão, e no ano de 2001 comecei a brincar e ser integrante do boi da floresta ou boi Paz do Brasil, fundado em 1972 pelo mestre Apolônio Melônio, nascido na cidade de São João Batista, baixada maranhense, vindo morar na capital, trazendo suas tradições de brincar boi.

Esta vivência em *ser um cazumbá dentro do boi e ao mesmo tempo trabalhar com a linguagem das artes cênicas, através do teatro, da dança popular e da arte-educação*, me fez refletir questões ligadas a performance do cazumbá na roda do boi e suas relações de jogo e comicidade que este personagem imprime na brincadeira e nos seus compromissos com rituais de batismo e matança. Esta manifestação agrega vários tipos de performance, como aponta Richard Schechner: “as performances do cotidiano, ritual e artística se misturam, vai se acrescentando elementos de sofisticação, aspecto visual e coreográfico” (Schechner: 2003).

O cazumbá é um performer que vem na frente dos demais brincantes; é o que puxa o grupo, é o primeiro a entrar na brincadeira, abrindo o caminho e a roda. Apesar de andar em bando com outros cazumbás, ele é muito solto, não possui um gestual e uma movimentação definida. Cada cazumbá traz seu estilo próprio de brincar. Aliás existe uma grande ambigüidade nesta figura. “Nem homem, nem animal, nem macho, nem fêmea. É um personagem híbrido, misterioso e cercado de magia”. (Carvalho: 1999).

Durante a brincada, o cazumbá fica no meio da roda, junto com o boi, a Catirina, o Pai Francisco, a burrinha e o vaqueiro, mas tendo total liberdade de movimentação. Ele se comunica através dos seus gestos, sua dança, joga com o público, com os outros brincantes do boi ou até mesmo com os outros cazumbás, amendrontando e fazendo travessuras. Sr Abel diz: “Cazumbá com cazumbá se comunica através do aceno, sem dizer nada. Conversam mais não sabem o que estão dizendo. É um aceno”.

No rosto utiliza uma máscara ou careta feita de madeira ou tecido. O figurino é chamado de bata ou farda com o corpo todo coberto, só aparecendo as mãos e sapatos, além de usar um adereço de palha, um cofo, colocado sobre a bunda, transformando-a em um corpo grotesco e engraçado.

O bumba-meu-boi tem um ciclo de festas e rituais que se inicia no sábado de aleluia com os ensaios, até o dia de Santo Antônio, 13 de junho, último ensaio antes do batizado. Na véspera de São João, 23 de junho, o boi é batizado com o novo couro bordado, abençoado por uma ladainha, para recomeçar as festas e brincadeiras daquele ano. Depois do batismo o boi vai para rua em cortejo ou se apresentar pelos arraiais organizados pelo estado. Na madrugada e ao longo do dia de São Pedro, 29 de junho, muitos bois de todos os sotaques, se reúnem para agradecer e homenagear o santo. Pós temporada junina, os grupos descansam e recomeçam o processo de organização para a festa de matança do boi, se finalizando os festejos para recomeçar no ano seguinte.

O que é fundamental nesta teia de eventos interrelacionados é a relação complexa que se estabelece entre a brincadeira e seus brincantes, seus rituais festivos e suas vidas cotidianas, além de estar envolvido em um enredo, com música, dança e o público, alimentando a dinâmica da performance. “Os que usam careta experimentam uma irmandade, um sentimento de integração, que respeita e valoriza as singularidades, marcadas sobretudo na autoria das máscaras e batas.” (Lody: 1999.)

O cazumbá, por ser um mascarado, já está em transformação com seu aspecto natural, neste ato de se mascarar dialoga com o sagrado e seus ancestrais, convivendo com o ritual na sua performance. Dentro do ciclo festivo ele tem a função de trazer a animação, de quebrar com o belo e a movimentação coreografada, já que ele causa espanto, provoca, intriga, intimida, trazendo admiração, medo e um enigma que vem do estranho. Participa de todo o ciclo festivo, antigamente diziam que atrapalhava até a reza trazendo o riso.

Durante as brincadeiras o cazumbá brinca muito com o vaqueiro e o boi, este correndo atrás querendo derrubá-lo. No ritual de morte do boi o cazumbá traz uma idéia ambígua que traz um conflito, onde cada um diz uma coisa, mas o que importa é que ele age no sentido da graça, da artimanha, da brincadeira. Dizem que o cazumbá ajuda o vaqueiro e o Pai Francisco a prender o boi para ele morrer, mas dizem também, que ele atrapalha o mesmo vaqueiro na hora de prender no mourão, lugar que o boi será crucificado e morto.

O cazumbá é um mascarado do boi do Maranhão, com a missão do palhaço feiticeiro. Sr Abel, mestre de cazumbá diz: “- Cazumbá é pra fazer rir! E não adianta querer explicar muito se não perde a noção da coisa”.

Movida por essa fala do mestre percebo que quanto mais busco entender, conheço outros lados e caminhos do cazumbá, cada um traz o seu entendimento, a sua vivência e a sua maneira de ser dentro da brincadeira, cada um com um temperamento próprio, uma invenção apropriada de novidade. Nessa intenção de questionar quem é o cazumbá me afasto do lugar de brincante para observar toda a roda, o conjunto de cazumbás e vejo que é a diversidade que traz a sua condição. Neste lugar de pesquisadora, procuradora de coisas, questiono e reflito sobre a função do mascarado e as relações

que ele estabelece, através do seu gestual. Sua performance se comunica através do aceno, intenção que cada um vai entender do seu jeito. Porque quem diz o que é o cazumbá é o outro que está olhando e não o brincante. O brincante brinca, tá na brincadeira para se divertir e estar fortalecendo o encontro daquelas pessoas no boi. São as afinidades que fazem as irmandades estarem junto.

E o cazumbá no seu ofício de abrir a roda, abrir espaço para a brincadeira começar diante do público, ele brinca e cumpre suas obrigações de brincante, porque mesmo sendo uma brincadeira, ela está inserida em um contexto com regras minuciosas e o compromisso é sagrado. O que importa é que é um personagem ambíguo. “O cazumbá por não ser decifrável tem na sua estranheza a sua potência. Potência de representar imagens, de colocar em cena uma cena” (Bittencourt: 2000).

Para fechar, acentuo que o valor do cazumbá está nas transformações de sua bata e máscara, são essas mudanças que permitem a vivacidade da sua relação com o brinqueado, seja nos rituais ou no jogo da sua performance.

BIBLIOGRAFIA

- BITTENCOURT, Elisabeth. “O encontro da magia com o lúdico no personagem peculiar do Bumba-meu-boi da baixada”. Palestra proferida na Semana da Cultura Popular *A cena do cazumbá*. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. São Luís. 2000.
- CARVALHO, José Jorge de. “Culturas populares: contra a pirâmide de prestígios e por ações afirmativas”. In: *Anais do Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares*. Brasília, 2005.
- CARVALHO, Luciana Gonçalves. *A graça de contar: narrativas de um Pai Francisco no bumba-meu-boi do Maranhão*. UFRJ / IFCS - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Tese de doutorado. Rio de Janeiro, 2005.
- CARVALHO, Maria Michol de. *Matracas que desafiam o tempo: é o Bumba-boi do Maranhão, um estudo da tradição/modernidade na cultura popular*. Tese de mestrado. São Luís: s/e, 1995.
- CAVALCANTI, Maria Laura. “As Grandes Festas”. Seminários Temáticos Arte e Cultura Popular, Museu Casa do Pontal. Rio de Janeiro, 2006/2007.
- LIGIÉRO, Zeca. “Performances ProciSSIONAIS Afro-Brasileiras”. In: O PERCEVEJO n°12. Rio de Janeiro: Revista de Teatro, crítica e estética. Departamento de Teoria do Teatro, Programa de Pós-Graduação em Teatro na UNIRIO, 2003.
- LODY, Raul. *Cazumbá: Máscara e drama no boi do Maranhão*. Rio de Janeiro: Funarte, 1999.
- PRADO, Regina. *Todo ano tem: As festas na estrutura social camponesa*. Maranhão. Tese de mestrado. Departamento de Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ), 1976.
- SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”. In: O PERCEVEJO n°12. Revista de Teatro, crítica e estética. Rio de Janeiro: Departamento de Teoria do Teatro, Programa de Pós-Graduação em Teatro na UNIRIO, 2003.
- TAVARES, Bráulio. “O contemporâneo e o tradicional: diálogos, conflitos e convergências”. In: *Anais do Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares*. Brasília, 2005.